

## A GINÁSTICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E O ENSINO ABERTO<sup>1</sup>

### THE GYMNASTIC IN THE PHYSICAL EDUCATION AND THE OPEN SCHOOLING

Taiza Daniela Seron\*  
Juliana Montenegro\*\*  
Ieda Parra Barbosa-Rinaldi\*\*\*  
Larissa Michelle Lara\*\*\*\*

---

#### RESUMO

Esse estudo, de caráter descritivo, objetivou a análise de como a ginástica pode ser desenvolvida na educação física escolar a partir da metodologia do ensino aberto. Por meio da aplicação de aulas de ginástica geral para alunos do ensino fundamental de uma instituição pública do município de Maringá-PR, apresentamos encaminhamentos metodológicos para o trato com esse conhecimento. A presente pesquisa constituiu-se de quatro etapas: estudo de abordagens metodológicas em destaque na área da educação física e seleção de uma delas – no caso, a do ensino aberto; localização da ginástica na abordagem metodológica escolhida; elaboração e aplicação de oito aulas de ginástica geral para alunos de quinta série; e, interpretação das experiências de ensino com a ginástica na educação física escolar. Foram desveladas algumas dificuldades na ação docente com essa abordagem metodológica, sobretudo pela ausência de uma prática pedagógica que privilegie a subjetividade e a reflexão do aluno. No entanto, as experiências indicam a viabilidade da ginástica como saber da educação física escolar e apontam para a necessidade de entendê-la em sua dimensão educacional.

**Palavras-chave:** Ginástica. Educação física escolar. Ensino aberto.

---

#### INTRODUÇÃO

A produção teórica na e para a educação física tem apresentado avanços nos últimos vinte anos, sobretudo no que se refere ao trato pedagógico da área numa dimensão progressista, ou seja, numa perspectiva educacional de rompimento com paradigmas

das escolas tradicional, tecnicista e escolanovista, que tenha característica crítica, social e política voltada, sobretudo, para um projeto de transformação social. O reconhecimento de que a tematização de uma única prática corporal – no caso, a esportiva – não dá conta de uma abordagem da educação física em seu campo amplo, complexo e

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada junto ao Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá, no período de março de 2005 a março de 2006, sendo aprovada em 15/04/2005 pelo COPEP – Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos – sob registro n. 0035.093.000-05.

\* Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá. Professora do Colégio Santo Inácio. Membro do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade

\*\* Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá. Professora do Colégio Nobel. Membro do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade.

\*\*\* Doutora em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Professora do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá – DEF/UEM. Líder do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade.

\*\*\*\* Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP. Professora do DEF/UEM. Líder do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade.

multifacetado representou um desses avanços, o que levou ao entendimento da necessidade de contemplar outros temas diretamente ligados à formação humana.

Educadores preocuparam-se em fornecer orientações para uma educação física escolar guiada por paradigmas diferentes dos médico-biológicos, tendo nas ciências humanas e sociais o eixo norteador. Exemplos podem ser arrolados a partir de investigações desenvolvidas por Soares et al. (1992), Kunz (1994), Freire (1989), Betti (1991), Grupo de Trabalho Pedagógico (1991), entre outros, que culminaram com o surgimento de abordagens metodológicas em educação física. Tais estudos procuraram orientar a atuação pedagógica na área no sentido de ruptura com práticas arcaicas/conservadoras como forma de se buscar a mudança.

Entre os conhecimentos que integram a pedagogia da educação física encontra-se a ginástica. Quando desenvolvida no sistema escolar, essa prática corporal pode propiciar condições favoráveis de aprendizado a partir do mundo de movimento dos alunos, promovendo a autonomia por meio de uma ação reflexiva e significativa em estreita relação com o cotidiano. A escolha do caminho metodológico torna-se crucial para que manifestações gímnicas dêem sentido à vida do aluno e à sua formação, não sendo tratadas apenas em seus aspectos técnicos.

A opção por uma metodologia para o trato com a ginástica na escola deu-se a partir da pesquisa realizada entre 2006 e 2007 com os conhecedores das seguintes abordagens metodológicas: desenvolvimentista, construtivista, ensino aberto, crítico-superadora, crítico emancipatória, sistêmica e plural, disponibilizada em Lara et al. (2007). Tal investigação apontou para a necessidade de pesquisas voltadas ao campo de intervenção em educação física, o que resultou na visualização de diferentes abordagens metodológicas no setor escolar. Contudo, esse texto apresenta apenas uma das investigações realizadas. O objetivo foi analisar como a ginástica pode ser desenvolvida na educação física escolar a partir da abordagem metodológica do ensino

aberto, visando a superação técnica em prol de um enfoque comunicativo, de valorização da realidade do aluno e das experiências coletivas.

Especificamente no estudo com a ginástica, o ensino aberto foi escolhido pelo fato de carecer de experimentações no espaço escolar e por trazer elementos para pensar o trato com esse conhecimento nas aulas de educação física. A existência de inúmeras manifestações gímnicas levou à seleção de uma delas para as experiências de ensino – a ginástica geral (GG) – que, segundo os estudos de Ayoub (2003), encontra relações diretas com o ensino aberto, sobretudo no que se refere ao trabalho desenvolvido pelo GGU (Grupo Ginástico Unicamp) em relação ao rompimento com a padronização de movimentos técnicos e à (re)significação do campo gestual.

O estudo pretende, ainda, contribuir para ampliar o interesse por investigações voltadas ao ensino da ginástica nas aulas de educação física, em especial, pelo trabalho com a ginástica geral, de modo que essa manifestação possa ser reconhecida, pesquisada, difundida e tratada com qualidade no setor escolar. Além do mais, procura oferecer meios de intervenção pedagógica no campo da ginástica a partir da metodologia do ensino aberto no sentido de promover o entendimento dessa abordagem e auxiliar os docentes em sua atuação. O propósito é orientar o trato com a ginástica, levando os professores a refletir sobre o papel da educação física no setor educacional.

Em acréscimo, a pesquisa procurou demonstrar que a ginástica geral, quando tratada a partir de referenciais teórico-metodológicos críticos, pode se transformar num valioso recurso pedagógico, oferecendo ricas experiências aos alunos e contribuindo com sua formação. Há, portanto, necessidade de o professor compreender a constituição cultural desse campo de conhecimento para, então, visualizá-lo no sistema formal de ensino. Com base nisso, entende-se a urgência de trato pedagógico com a ginástica como componente curricular na educação física escolar.

## O ENSINO ABERTO E A GINÁSTICA: UMA INTERVENÇÃO POSSÍVEL

A abordagem metodológica nomeada de ensino aberto, idealizada pelos alemães Reiner Hildebrandt e Ralf Laging (1986), foi estudada e defendida no Brasil pelo Grupo de Trabalho Pedagógico da UFPE e UFSM (1991), sobretudo na década de 90 do século XX, quando houve a irrupção de teorias para crítica e encaminhamento da educação física escolar. O referencial teórico dessa abordagem encontra-se baseado na Teoria Sociológica do Interacionismo Simbólico e na Teoria Libertadora de Paulo Freire.

A expressão interacionismo simbólico foi criada por Herbert Blumer, em 1937, para dar ênfase aos aspectos "encobertos" e subjetivos do comportamento humano, acreditando que ele só o seria em termos do que as situações simbolizam, começando pelo próprio indivíduo que não meramente responderia aos outros, mas como um "self ativo" que responderia também a si mesmo, interagindo socialmente consigo, podendo tornar-se objeto de suas próprias ações. Já a teoria libertadora, de Paulo Freire, é voltada para o conhecimento aplicado à educação a partir de uma concepção dialética em que educador e educando aprendem juntos numa relação dinâmica.

Embora a abordagem metodológica do ensino aberto não seja recente, tendo um dos idealizadores (no caso, Hildebrandt) estado no Brasil para difundir a proposta, além dos esforços dos pesquisadores brasileiros ligados a essa teoria, sua aplicação prática no contexto escolar ainda é carente, incerta, desejosa de iniciativas de implementação. Tal ocorrência não se dá apenas com essa abordagem, mas é comum, também, em outras correntes teóricas que não alcançam, ainda, legitimidade no espaço escolar. Essa legitimidade está relacionada à razão de ser da educação física na escola a partir de "argumentos plausíveis para a sua permanência ou inclusão no currículo escolar, apelando exclusivamente para a força dos argumentos" e não para outras forças (a exemplo de regimes autoritários), apoiando-se numa teoria da educação. (BRACHT, 1992, p. 37).

A metodologia do ensino aberto apresenta elementos para nortear o trabalho pedagógico com a ginástica nas aulas de educação física. Para compreensão dessa abordagem metodológica foram investigadas as seguintes obras: *Visão didática da educação física: análises críticas e exemplos práticos de aulas*, do Grupo de Trabalho Pedagógico (1991); e *Concepções abertas no ensino da educação física*, de Hildebrandt, Laging (1986).

O Grupo de Trabalho Pedagógico, explica Oliveira (1997), defende uma aula de educação física que relacione o conhecimento escolar com a vida de movimento dos alunos; que aprecie seus interesses, necessidades, medos e aflições; que não veja o esporte somente como rendimento; que promova a aprendizagem do movimento num contexto de brincadeiras; que conceba a relação entre movimento, percepção e realização; que proporcione a participação dos alunos em todas as etapas do processo de ensino-aprendizagem.

Ao abordar o agir metodológico, Hildebrandt e Laging (1986, p. 24) afirmam que o professor deve "preparar as situações de ensino de tal maneira que estimulem o aluno a agir e que os problemas e questionamentos do aluno possam ser resolvidos por ele, com base na sua condição de poder fazer e de suas experiências". Para os autores, "os diálogos em aula são um elemento importante do ensino aberto" (HILDEBRANDT; LAGING, p. 40). Essa ação comunicativa deve estar voltada para o entendimento da educação física, de seus conteúdos e de sua organização.

No que diz respeito à atuação nas aulas, Hildebrandt e Laging (1986, p. 15) destacam que os alunos devem agir em co-decisão, ou seja, participando "[...] das decisões em relação aos objetivos, conteúdos e âmbitos de transmissão ou dentro deste complexo de decisão. O grau de abertura depende do grau de possibilidade de co-decisão. As possibilidades de decisão dos alunos são determinadas cada vez mais pela decisão prévia do professor".

Oliveira (1997) afirma que a metodologia do ensino aberto tem por objetivo trabalhar o mundo do movimento de forma que

proporcione aos alunos autonomia na atuação em sociedade. O Grupo de Trabalho Pedagógico (1991) afirma que isso se dá por meio de ações problematizadoras nas quais aluno e professor agem conjuntamente por meio de uma ação comunicativa. As aulas buscam relacionar o conhecimento produzido com o cotidiano do aluno para que a ação seja significativa e reflexiva no sentido de promover a autonomia do indivíduo frente às relações estabelecidas com o mundo. A ação pedagógica deve centrar-se nas experiências do educando para conferir a eles conhecimentos, escala de valores, modelos de ação, promovendo sua capacidade de agir.

A aula no ensino aberto leva em consideração as experiências individuais, possibilitando a subjetividade e valorizando a individualidade. Para tanto, três exigências seriam necessárias para análise do princípio didático básico do pensamento e da ação humana na aula de educação física escolar:

- 1) professor e aluno planejam a aula conjuntamente, isto é, os alunos aprendem a assumir responsabilidade para o futuro
- 2) os processos de aprendizagem devem ser realizados com abertura às experiências
- 3) os conteúdos de aprendizagem devem referir-se a relação de vida cotidiana fora da escola (GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO, 1991, p. 46-7).

Hildebrandt, Laging (1986) não apresentam, propriamente, a ginástica como conteúdo da educação física escolar. Os autores enfatizam a importância de orientar os alunos para que não reproduzam as formas prescritas dos esportes e de seus aparelhos e instalações, e para que selecionem os conteúdos no sentido de propor novas formas de praticar esportes. Já nos estudos do Grupo de Trabalho Pedagógico (1991) essa idéia é desenvolvida a partir de um modelo de aula de ginástica baseado nos pressupostos teóricos da metodologia do ensino aberto.

A aula descrita foca a criação de movimentos em aparelhos ginásticos tradicionais e não tradicionais, ampliando as possibilidades de execução à medida que os alunos não se prendem às normas

preestabelecidas pelo esporte institucionalizado. Nesse sentido, eles afirmam que as ginásticas desportivizadas como, por exemplo, a artística e a rítmica, são caracterizadas por uma limitação motora. Nelas, apenas parte das possibilidades de manuseio dos aparelhos é utilizada (somente os movimentos que exigem específica aptidão corporal) e a falta da total exploração dos aparelhos tem como consequência a exclusão de muitos alunos. Os autores sugerem que seja preservada a variedade e vivacidade dos movimentos e, para tal, é necessário evitar a fixação de movimentos gímnicos nos modelos esportivos.

Nessa aula, os gestos ginásticos são baseados nas formas básicas de movimento: trepar, rolar, saltar, equilibrar-se e balançar-se, num espaço organizado e de forma a superar padrões de movimento e de aparelhos próprios das ginásticas competitivas. Câmaras de ar, colchões, arcos, bancos suecos, barras assimétricas, cordas, plintos, pernas-de-pau, balanços, escadas, entre outros, foram utilizados nessa ação didática, sendo feitas diferentes acomodações nos aparelhos no sentido de possibilitar questões problematizadoras para orientar os alunos na definição de novas situações de movimento, dando outras significações à gestualidade.

Na perspectiva da metodologia do ensino aberto, aulas de ginástica devem ser encaminhadas no sentido de oferecer valiosas experiências motoras às crianças por meio de situações-problema que conduzam a formas diversas de movimentos, transpondo a padronização imposta pelas competições. Os autores destacam que dois modelos devem ser superados para o desenvolvimento da ginástica na escola. O primeiro diz respeito aos aparelhos e, o segundo, às regras técnicas de movimento. Sugerem, ainda, que a organização dos movimentos gímnicos seja feita segundo as “ações totais de movimento”, pois “a classificação do movimento, segundo atividades como pular, trepar, embalar e balançar torna possível levar em consideração a tradicional cultura de movimento da ginástica, sem se perder nos grandes números de modelos de movimentos”.

Com base nesses referenciais teóricos é que experiências com a ginástica geral na educação física escolar foram desenvolvidas, levando em consideração, principalmente, a relação do saber gímico com as atividades cotidianas dos alunos para que esse conhecimento pudesse ser valorizado, experimentado e por eles transformado.

### A GINÁSTICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A ginástica é um conhecimento clássico e, ao mesmo tempo, contemporâneo. Ao longo dos anos passou por muitas transformações, tendo as diferentes manifestações ginásticas incorporado características específicas que traduzem finalidades relacionadas com o movimento histórico vivido pela sociedade. Atualmente, podemos citar algumas formas ginásticas com base na classificação de Souza (1997), sendo elas: de competição, de condicionamento físico, de conscientização corporal, fisioterápicas ou demonstrativas. Tais formas gímicas, explica Barbosa-Rinaldi (2005), possuem finalidades diferentes de acordo com suas muitas facetas, embora façam parte do mesmo núcleo inicial de movimentos.

A necessidade de socialização dos saberes ginásticos e de sua reapropriação pela sociedade que o produziu pode conduzir os homens a recuperar seu núcleo científico e sua capacidade expressiva e subjetiva. Desse modo, trabalhar com a ginástica nas aulas de educação física escolar constitui desafio, considerando-se a complexidade do trato metodológico com esse conhecimento, assim como as resistências culturais, histórico-sociais e pedagógicas que o permeiam.

A busca de pressupostos teóricos que visualizem a ginástica como conhecimento a ser abordado na escola, fornecendo elementos para que o professor a desenvolva em suas aulas, torna-se algo essencial à ação pedagógica. Isso porque, como afirma Barbosa-Rinaldi (2005, p. 77), o acesso a esse conhecimento “[...] é direito de todo cidadão [...] porque, em conjunto com outras áreas poderá contribuir para que os alunos possam

participar da construção de uma realidade mais favorável para si e para todos”.

Referenciais específicos da área sinalizam para a importância e o valor da ginástica à vida do ser humano. Além do mais, destacam elementos que contribuem para sua legitimação no espaço escolar. Glomb e Lopes (2003) salientam que a educação física escolar tem a responsabilidade de garantir às crianças o acesso às práticas da cultura motora por meio da ginástica, contribuindo para a construção de conhecimentos e sua reflexão consciente. Todavia, não é essa a realidade que encontramos nas aulas de educação física. Em muitos casos esse conhecimento é negado, como nos mostram os estudos realizados por Nista-Piccolo (1988), Barbosa-Rinaldi e Souza (2003), Barbosa-Rinaldi e Cesário (2005), que comprovaram a quase-ausência da ginástica na escola. Nesse sentido, Ayoub (1998, p. 125) reforça a idéia afirmando “[...] que o processo de limitação que vem ocorrendo na Educação Física Escolar brasileira, restringindo o seu conteúdo ao Esporte e deixando de lado a Ginástica (entre outros temas da cultura corporal), é muito sério e preocupante”.

Para ilustrar o que se afirmou anteriormente, um estudo realizado no município de Maringá-PR, em escolas públicas e privadas, constatou que, dos 24 professores entrevistados, 45,83% não trabalham com a ginástica na escola. As justificativas dadas são: faltam material e local adequados; não se consideram capacitados para o ensino desse conhecimento; a ginástica não está prevista como conteúdo curricular; há falta de interesse pela ginástica rítmica por parte dos alunos. Essas respostas vêm refletir o fato de que os professores estão presos aos modelos padronizados do esporte. A visão que eles têm da ginástica é aquela apresentada pela mídia, ou seja, de modelos de movimentos que devem ser reproduzidos, não vislumbrando meios diferenciados para seu ensino. O resultado é a inércia frente a abordagens inovadoras (CORTARELLI et al., 2005).

No que se refere aos professores que trabalham com a ginástica, os dados mostram que a maioria visa as manifestações

esportivas, privilegiando formas de ginástica institucionalizadas e de alta performance, com ênfase na abordagem desenvolvimentista e de aptidão física. Mostram ainda que os professores têm conhecimento restrito sobre o trato pedagógico da ginástica e não visualizam possibilidades de seu ensino nas aulas de educação física. Assim, quando a ginástica é desenvolvida no espaço educacional não está amparada em qualquer sistematização ou subsídio teórico que fundamente sua prática.

A ginástica geral é pensada a partir de elementos que promovam o trabalho com a ginástica na escola, visando apresentar caminhos de desenvolvimento dessa manifestação. A ginástica geral precede as ginásticas de competição e representa, segundo Soares (1999), bem-sucedida (re)significação das primeiras manifestações ginásticas presentes nos gestos ousados dos acrobatas, na alegria dos funâmbulos e nas brincadeiras infantis. Caracteriza-se pela associação dos gestos de diferentes ginásticas, da dança, do teatro, da capoeira, dos elementos circenses e de outros elementos da cultura, com ou sem utilização de materiais. Pode se dar a partir dos saberes inscritos na cultura popular, nos saberes filosóficos, nos saberes artísticos e também nos saberes científicos. Seu desenvolvimento na escola deve se voltar para a participação de todos e para o respeito aos limites individuais e coletivos.

As principais características da ginástica geral em âmbito escolar, segundo classificação de Ayoub (2001), são: não tem a competição como foco principal, sendo marcada pelo prazer e pelo divertimento; possibilita a integração de seus praticantes, a liberdade de expressão, o prazer e a criatividade; abrange todas as ginásticas e fornece possibilidades para a utilização de diferentes tipos de materiais, indumentária e música; sua principal forma de manifestação se dá por meio de apresentações artísticas. Afirma que a ginástica geral, como parte integrante do processo educativo na educação física escolar, estimula a construção coreográfica, as experiências, os interesses dos alunos e o trabalho em grupo,

favorecendo “a cooperação, a capacidade de ação e autonomia dos educandos como sujeitos do processo educativo, para que possam compor em co-autoria com outros sujeitos, buscando novas interpretações, novas leituras, novas significações antes desconhecidas” (p. 32). Além do mais, adverte Souza (2001), a ginástica escolar pode se embasar na ginástica geral por suas características de inclusão “de participação do maior número de pessoas, de respeito à individualidade, de estímulo ao desenvolvimento do potencial e da criatividade de cada indivíduo, de valorização da cultura corporal e de liberdade na sua utilização como forma de expressão do ser humano” (p. 26). O tópico seguinte apresenta as experiências de ensino com a ginástica na escola.

#### AS EXPERIÊNCIAS DE ENSINO

As experiências com a ginástica foram desenvolvidas em uma escola da rede estadual na cidade de Maringá-PR, no ano de 2005. Oito aulas de ginástica geral, trabalhadas sob a ótica da abordagem do ensino aberto, foram aplicadas para uma turma de 5ª série do ensino fundamental, conforme espaço cedido no horário regular da educação física pela direção da instituição. Essas aulas, mesmo em número de oito, atenderam ao objetivo proposto para a pesquisa, levando em consideração a realidade da educação física brasileira que, em sua maioria, possui 68h anuais a serem distribuídas entre os conhecimentos da área.

Os dados foram coletados por meio de observação participante e relatórios feitos pelos alunos ao final de todas as aulas, buscando identificar dificuldades e possibilidades na relação com a ginástica geral, bem como seu envolvimento com esse conhecimento gímico. As observações voltaram-se para experiências gímicas na abordagem do ensino aberto e para “comentários” realizados pelos alunos durante as aulas, sobretudo aqueles que retratassem a realidade acerca do conhecimento que tinham sobre ginástica e formas de realizá-la. Os depoimentos extraídos dos relatórios foram aqueles que se relacionavam diretamente ao entendimento de ginástica e às experiências

obtidas durante os encontros. O quadro 1 e os encaminhamentos dados às aulas, apresenta os conteúdos trabalhados, os objetivos

|               | <b>Conteúdo</b>   | <b>Objetivo</b>  | <b>Encaminhamento</b>   |
|---------------|---|--|---|
| <b>Aula 1</b> | Manifestações gímnicas. Aspectos principais da GG. Possibilidades de trabalho com GG.           | Introduzir o tema “Ginástica Geral” para que os alunos percebam essa manifestação nas ações do cotidiano e visualizem possibilidades de trabalho com este saber na de EF escolar.                              | Discussão sobre o tema. Visualização da manifestação por meio de gravuras e vídeo.  |
| <b>Aula 2</b> | Salto e saltitos: individualmente, com/sobre o colega, com obstáculos propostos pelo professor. | Reconhecer as situações de saltos, individualmente ou em grupo, relacionando-os com as situações cotidianas.   | Conversa sobre o tema. Criação de situações de saltos utilizando materiais diversos. Discussão sobre as criações.   |
| <b>Aula 3</b> | Flexibilidade. Giros. Equilíbrios. Formas de andar. Formas de correr.                           | Criar e executar movimentos gímnicos por meio de atividades práticas em grupo, buscando relacioná-los com as ações cotidianas.   | Diálogo sobre os movimentos. Experimentação e criação em grupos e com música. Apresentação das possibilidades criadas. Discussão sobre a pertinência do conhecimento para a vida diária.                                  |
| <b>Aula 4</b> | Rolamento (para frente, para trás). Roda. Parada de mãos. Parada de cabeça.                     | Conhecer e vivenciar alguns elementos acrobáticos por meio de discussões e vivências práticas, para que os alunos relacionem esses movimentos com sua vida de movimento.                                       | Conversa com o grupo para identificar os elementos e perceber o entendimento dos alunos acerca do tema. Experimentação de movimentos. Diálogo buscando relacionar a prática com o cotidiano.                              |
| <b>Aula 5</b> | Colaborações e acrobacias em trios e sextetos.  | Compreender e vivenciar acrobacias e colaborações por meio de atividades práticas em grupos para que os alunos conheçam essas manifestações e apontem possibilidades por meio de suas experiências cotidianas. | Diálogo com o grupo sobre os elementos, buscando identificar o conhecimento acerca do tema. Experimentação e elaboração de ações de movimentos em grupos. Discussão sobre a importância desse trabalho nas ações diárias. |
| <b>Aula 6</b> | Manejo dos aparelhos e combinação de elementos gímnicos.  | Criar possibilidades de movimentos por meio de atividade prática (com uso de diversos aparelhos) para que os alunos descubram suas próprias capacidades.   | Dialogar com a turma para identificar os aparelhos de ginástica conhecidos e entender como visualizam as formas de utilizá-los. Exploração dos aparelhos. Apresentação dos elementos criados.                             |
| <b>Aula 7</b> | Composição coreográfica. Elementos gímnicos. Manuseio e utilização de materiais.                | Elaborar uma composição coreográfica utilizando os elementos corporais e os materiais trabalhados em aula, proporcionando um espaço de criatividade e subjetividade.   | Resgate das criações anteriores por meio de diálogo. Escolha da música. Construção e experimentação de um material de jornal para a coreografia. Apresentação do que foi criado e discussão final.                        |
| <b>Aula 8</b> | Composição coreográfica; Elementos gímnicos; Manuseio e utilização de materiais.                | Concluir a composição coreográfica por meio de trabalho coletivo, proporcionando um espaço de criatividade e respeito mútuo, relacionando-a com as ações cotidianas.   | Resgatar os materiais e as composições construídas. Apresentação da coreografia. Reflexão e discussão final.  |

**Quadro 1** – Síntese das aulas de ginástica geral ministradas para a 5ª série do ensino fundamental.

**Fonte:** Os autores

Grupo de Trabalho Pedagógico (1991) salienta que a primeira fase da aula, na abordagem do ensino aberto, deve ser destinada à sua organização por meio de diálogos que permitam aos alunos a visualização das possibilidades de ação pelas experiências

anteriores, mantendo estreita relação com seu cotidiano. Na segunda fase da aula ocorrem discussão e experimentação das perspectivas de ações sugeridas pelos alunos. Por fim, na terceira fase são apresentados e discutidos os desafios dos movimentos construídos a fim de

verificar formas de utilizá-los em situações reais da vida diária.

Na primeira aula, *Conhecendo a ginástica geral*, foram utilizados vídeos, gravuras, exposição oral e diálogos para que os alunos pudessem conhecer a manifestação. Questionamentos foram feitos com frequência para levá-los a refletir sobre o tema proposto e sua relação com o cotidiano. A ginástica foi identificada pelos alunos a partir de um prisma competitivo ou de condicionamento físico, especialmente quando feita a seguinte pergunta: “O que vocês pensam quando se fala em ginástica?”. A primeira resposta foi: “Daiane dos Santos”. Surgiu também: “Ginástica de academia”. No entanto, ninguém mostrou conhecimento acerca da ginástica geral. A resposta à pergunta: “Que tipo de ginástica vocês conhecem?” reforçou esse aspecto: “Ginástica rítmica desportiva. “Ginástica de academia”. “Ginástica olímpica”. A dificuldade dos alunos em pensar e relacionar o conhecimento da ginástica com as práticas do cotidiano foi evidente. Para eles, a única forma de se praticar ginástica é aquela dos modelos competitivos ou de academia, o que dificulta a percepção de outras experiências gímnicas.

A próxima aula teve como tema *Saltar e saltitar*. Foram apresentados elementos próprios do saltar e saltitar com utilização de materiais que servissem de obstáculos e na forma de estações para que os alunos experimentassem cada uma delas. Posteriormente, todos os materiais foram rearranjados de modo a construir novas formas de movimento. A partir dessa aula verificou-se o quanto os alunos tinham dificuldade em criar, já que essa não era uma prática constante nas aulas regulares de educação física. Eles sempre estiveram presos a modelos impostos pelo professor e à sua mera realização. Falas dos alunos ajudam a entender essa problemática: “É assim que é para saltar?”. “Podemos tirar as caixas do lugar?”, “Podemos tirar a corda do chão e amarrar nas caixas?”, “Podemos abrir as caixas?”.

Na terceira aula, o tema foi *Flexibilidade, giros, equilíbrios, formas de andar e de correr*. Os alunos, em pequenos grupos e por meio de diálogo, deveriam apresentar respostas às questões levantadas pelo professor, e também às que eventualmente surgissem entre os

integrantes do mesmo grupo. Houve dificuldade, por parte dos alunos, em resolver os problemas que foram propostos, pois não visualizavam soluções práticas para as indagações. O grupo que trabalhou *giro* não conseguiu criar praticamente nada, tendo alguns perguntado: “Como que vou girar?” “Não dá pra fazer nada!” “Podemos trocar de tema?”. Isso refletiu o fato de que, durante as aulas de educação física, esses movimentos ainda não tinham sido vivenciados e refletidos. A relação com o cotidiano não foi feita pelos alunos, inicialmente, apesar de ser uma das questões levantadas pelo professor. Tornou-se necessário intervir e levá-los a pensar sobre tais aspectos a partir de questões problematizadoras.

A quarta aula desenvolveu o tema *Acrobáticos*. A importância desse conhecimento para a vida cotidiana foi destacada e também o “cuidado” com o outro na realização dos movimentos. Algumas crianças ficaram receosas em executar determinados movimentos, vendo as experimentações acrobáticas como “elementos mais perigosos”, ou ainda, “elementos que as pessoas voam no ar”. Em geral, os meninos apresentaram-se empolgados e foram mais ousados na execução dos elementos. As meninas mostraram-se cautelosas, embora interessadas. A falta de vivência com certos movimentos simples (como o rolamento, a roda, a vela, entre outros) levou os alunos a enxergar esses gestos e, até mesmo, a ginástica como algo impossível de se praticar.

A quinta aula trabalhou o tema *Unidos pela ginástica*. Foram realizadas acrobacias com colaborações por meio de uma estratégia metodológica que permitiu aos alunos criar formas diferenciadas de movimentos. Dificuldades foram sentidas com o trabalho em grupo pois alguns alunos não estavam à vontade com os colegas. Deslumbrados com as formas gestuais que iam sendo criadas, alguns grupos formaram “pirâmides humanas”, atividade que levou a um melhor entrosamento entre eles. Ao final da aula, os alunos perceberam a importância das boas relações nas atividades cotidianas.

O tema da sexta aula foi *Os aparelhos e as possibilidades gímnicas*, sendo apresentados dois tipos de materiais: os tradicionais e os alternativos. Como materiais tradicionais foram

utilizados: cordas, bolas e arcos – característicos da ginástica rítmica. Os aparelhos alternativos foram: trampolim (de pneu), bastões e caixas de papelão. Os aspectos que chamaram atenção durante a aula estão relacionados à forma dos alunos trabalharem com os materiais. Em geral, as bolas de borracha foram utilizadas para jogar basquete, futsal, handebol e voleibol, e as bolas de meia não foram nem sequer mexidas. Alguns alunos chegaram a afirmar que não dava para fazer nada com elas. A corda não foi utilizada de outra forma além da tradicional. Os bastões foram trabalhados quase que, exclusivamente, como se fossem espadas. Os arcos foram explorados de formas variadas e as caixas de papelão rasgadas, embora poucas criações tivessem surgido delas. O trampolim foi o material que mais chamou atenção dos alunos. Em geral, foram observadas experiências restritas durante a criação por meio do manuseio dos materiais e a influência do esporte na determinação de alguns movimentos. A intervenção foi feita, porém, a maioria dos alunos não conseguiu enxergar possibilidades diferentes, apresentando, ainda, dificuldades em usar o diálogo para solução dos problemas.

Nas sétima e oitava aulas os alunos criaram coreografia fazendo uso de jornal. Exploraram esse material individualmente e em pequenos grupos, elaboraram composição coreográfica a partir dos movimentos gímnicos trabalhados em aulas anteriores e foram capazes de criar suas próprias composições. Em relação às experiências de criação com jornal, um dos alunos relatou: *“Com as aulas, eu aprendi que com o jornal podemos fazer fita de ginástica rítmica desportiva, bolas e muito mais. Nós apresentamos apenas com jornal, e vimos que podemos fazer muita coisa com o jornal”*.

Os relatos dos alunos refletem como se deu a apropriação dos conteúdos e de como esse processo foi importante para que aprendessem criando e resolvendo problemas, mesmo com dificuldades para dialogar no grupo. A educação física, por meio das experiências com a ginástica, foi percebida de modo diferente da realidade com que os alunos estavam habituados, contribuindo com o entendimento de como a co-participação no processo é essencial para o desenvolvimento da prática pedagógica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização dessa pesquisa possibilitou conhecer e entender como a ginástica é visualizada na metodologia do ensino aberto. No decorrer do estudo, o trato com essa prática corporal foi descrito, sendo detectados problemas decorrentes das experiências realizadas com alunos de 5ª série do ensino fundamental.

A idéia de propor esse estudo com a ginástica esteve ligada à preocupação com a intervenção na educação física. O trato pedagógico com a ginástica foi pensado na escola haja vista que esse é o espaço onde os conhecimentos podem ser de fato socializados pelo acesso garantido a todos. Entretanto, na atualidade, sabemos que nem todas as pessoas podem desfrutar dessa realidade e que, por motivos diversos, a ginástica não é trabalhada.

A pesquisa em questão procurou apresentar uma possibilidade de aplicação da ginástica para os alunos na escola a partir do ensino aberto, mostrando que esse saber pode se concretizar nas aulas de educação física de maneira significativa. O conhecimento aqui produzido poderá fornecer elementos para os profissionais que estudam e trabalham com a ginástica, bem como para aqueles que iniciam reflexões com as questões metodológicas da área.

O ensino aberto, por meio de ações problematizadoras e da ação comunicativa, visa promover no aluno a capacidade de agir, conferindo conhecimentos que o levem a entender a importância das práticas corporais em um contexto social amplo. Contudo, essa abordagem, pelo foco no processo de comunicação na tentativa de resolução dos problemas surgidos ou provocados em aula pelo professor a partir das experimentações propostas, desloca a dimensão histórica para segundo plano. Daí o entendimento de que essa abordagem carece de complementações que levem os alunos à percepção do sentido/significado histórico das práticas corporais como produção cultural resultante das relações sociais estabelecidas.

A ginástica geral, por sua vez, atende às orientações de romper com os modelos das ginásticas competitivas quanto aos aparelhos, às instalações e regras rígidas, visto que acolhe utilizações diversas dos materiais tradicionais e

não tradicionais, além de ter uma dimensão demonstrativa, de valorização das diferenças e da mescla de gestualidades de muitas práticas corporais.

O referencial teórico da abordagem metodológica do ensino aberto é permeado de exemplos de experiências escolares com o intuito de indicar formas de trabalho com a proposta. No entanto, constatou-se, nessa metodologia, certa carência de um trato mais elucidativo da ginástica, limitações referentes ao como atuar pedagogicamente, o que motivou experimentações com a ginástica geral na abordagem em questão. Também foram encontradas dificuldades em trabalhar com essa abordagem na escola porque, mesmo que o professor incite os alunos a se posicionar e a criar, essas ações problematizadoras e comunicativas ainda não fazem parte de sua cultura escolar.

Entre os problemas enfrentados na pesquisa encontra-se o conhecimento limitado dos alunos em relação ao saber gímnico. A concepção de ginástica apresentada inicialmente adveio dos modelos de alto rendimento e de academia veiculados pela mídia. Os alunos não visualizavam a possibilidade de praticar a ginástica, vista por eles como constituída de movimentos difíceis que só poderiam ser realizados por atletas de alto nível. Os alunos apresentaram dificuldade em manter diálogo e também de relacionar o conhecimento gímnico com as ações do cotidiano. Esperavam pela resposta do professor para a resolução dos problemas e, durante as criações, reproduziam, na maioria das vezes, movimentos relacionados a alguns esportes, como o futebol, o voleibol e o handebol.

No que se refere ao campo de conhecimento da ginástica e à realidade encontrada no âmbito escolar, alguns avanços foram alcançados no tocante às questões metodológicas e pedagógicas de trato com esse saber. O trabalho desenvolvido na escola levou os alunos a visualizar uma outra educação física, além de

acrescentar conhecimentos ao universo gímnico dos alunos e, conseqüentemente, à sua vida.

Sintetizando o exposto até então é possível afirmar que: a) existem resistências quanto ao ensino da ginástica na educação física escolar, mas também há interesse pelo aprendizado de novos saberes; b) em geral, as dificuldades de trato com o ensino aberto ocorrem porque o referencial teórico deixa lacunas (entendendo que essa abordagem não constitui “modelo”, dando abertura a novas complementações e intervenções a serem preenchidas pelo professor), gerando, em alguns momentos, insegurança na aplicação da metodologia; c) essa abordagem metodológica encontra-se aberta a diferentes interações didáticas, sendo viável para o ensino da ginástica na escola, sobretudo se fizer parte da rotina escolar desde os primeiros anos para que a criança desenvolva e pratique os diálogos na busca de resolução de problemas e ampliação das relações sociais que estabelece; d) o trato com a ginástica na educação física escolar, na perspectiva do ensino aberto, pode contribuir para a formação humanizadora do aluno; e) independente de concretizar o ensino aberto ou qualquer abordagem metodológica, o fundamental é o desenvolvimento de uma prática crítica e consciente, capaz de conduzir os alunos à responsabilidade por uma realidade social favorável e justa.

Espera-se que o presente trabalho elucidie questões metodológicas que envolvem a educação física e a ginástica, incite os professores a buscar caminhos para as inquietações que norteiam sua prática pedagógica e também colabore para o processo de inserção do conhecimento gímnico nas aulas de educação física. Para os educadores que já estudam e vivenciam a ginástica no âmbito escolar, almeja-se que tais reflexões possam contribuir diretamente para o desenvolvimento de seu trabalho, reforçando a ação em defesa da legitimação desse conhecimento na escola.

---

## THE GYMNASIUM IN THE PHYSICAL EDUCATION AND THE OPEN SCHOOLING

### ABSTRACT

This study, of a descriptive character, had as objective the analysis of how gymnastics can be carried out in the physical education teaching in the open schooling methodology. By applying general gymnastic classes to fundamental schooling students from a public school in the city of Maringá, Paraná state, we present the methodological pathways to deal with this

knowledge. The present research was performed in four stages: a study of the important methodological approaches in the area of physical education and the selection of one of them – in this case, the open teaching; the location of gymnastics in the chosen methodological approach; elaboration and application of eight classes of general gymnastic to fifth grade students; and, interpretation of the teaching experiences with gymnastics in the schooling physical education. Some difficulties were verified in the docent action using this methodological approach, most by the absence of a pedagogic practice that valorizes the subjectivity and the student reflection. However, the experiences indicate gymnastics viability as a subject in physical education knowledge and point s out the need to understand it in the educational dimension.

**Key words:** Gymnastic. Schooling physical education. Open schooling.

## REFERÊNCIAS

- AYOUB, Eliana. **A ginástica geral na sociedade contemporânea:** perspectivas para a educação física escolar. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998.
- \_\_\_\_\_. A ginástica geral no contexto escolar. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA, 1., 2001, Campinas. **Anais...** Campinas, SP: SESC: Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 2001. p. 30.
- \_\_\_\_\_. **Ginástica geral e educação física escolar.** Campinas, SP: Ed.da Unicamp, 2003.
- BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra. **A ginástica como área de conhecimento na formação profissional em Educação Física:** encaminhamentos para uma estruturação curricular. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação Física, Universidade de Educação Física, Campinas, SP, 2005.
- BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra; SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. A ginástica no percurso escolar dos ingressantes dos cursos e licenciatura em educação física da Universidade Estadual de Maringá e da Universidade Estadual de Campinas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 24, n. 3, p. 159-73, maio 2003.
- BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra; CESÁRIO, Marilene. Rhythmic Gymnastics: school reality and intervention possibilities. In: SCIENTIFIC BRASILIAN CONGRESS OF THE FIEP, 3. . **FIEP Bulletin**, v. 75, Special Edition, Article II, 2005. p. 36.
- BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade:** a educação física na escola brasileira de 1º e 2º graus. São Paulo: Movimento, 1991.
- BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizagem social.** Porto Alegre: Magister, 1992.
- CORTARELLI, Márcio Rogério et al. Ginástica: realidade escolar e possibilidades de intervenção. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 3. 2005. **Anais...** Campinas/SP: SESC: Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 2005. p. 176.
- FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro.** São Paulo: Scipione, 1989.
- GLOMB, Martha Almeida Picaz; LOPES, Viviane Aparecida Fugi. A ginástica historiada e o desenvolvimento da criatividade. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 2, 2003. **Anais...** Campinas, SP: SESC: Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 2003. p. 197.
- GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO-UFPE/UFMS. **Visão didática da educação física:** análises críticas e exemplos práticos de aulas. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1991.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** Ijuí: Unijuí, 1994.
- HILDEBRANDT, Reiner; LAGING, Ralf. **Concepções abertas no ensino da Educação Física.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.
- LARA, Larissa Michelle et al. Dança e ginástica nas abordagens metodológicas da educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, SP, v. 28, n. 2, p.155-70, 2007.
- NISTA-PICCOLO, Vilma Leni. **Atividades físicas como proposta educacional para a 1ª fase do 1º grau.** Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1988.
- OLIVEIRA, Amauri A. Bássoli de. Metodologias emergentes no ensino da Educação Física. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 8, n. 1, p. 21-7, 1997.
- SOARES, Carmem Lúcia O corpo, o espetáculo, a ginástica. In: FÓRUM BRASILEIRO DE GINÁSTICA GERAL, 1., 1999, Campinas, SP. **Anais...** Campinas: [s.n.], 1999. v.1, p.19-21.
- SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. A ginástica geral e a formação universitária. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 1., 2001, Campinas, SP. **Anais...** Campinas: [s.n.], 2001. v. 1, p. 25-9.

Recebido em 12/03/07  
Revisado em 19/06/07  
Aceito em 03/10/07

**Endereço para correspondência:** Profª. Drª Larissa M. Lara, Profº. Drª. Ieda Parra Barbosa Rinaldi. Universidade Estadual de Maringá. Departamento de Educação Física. Av. Colombo, 5790. CEP 87020-200 - Maringá-PR, Brasil. E-mail: lmlara@uem.br; parrarinaldi@hotmail.com